

Ilha de Moçambique – Resumo histórico - Desdobrável 2018

Alexandre Braz Mimoso

Texto do desdobrável sobre a Ilha de Moçambique oferecido a Moçambique (Ministério da Cultura) por Portugal (Camões, Instituto da Cooperação e da Língua / Direcção-Geral do Património Cultural), aqui com os mapas originais e acompanhado de mais algumas fotografias.



A Ilha de Moçambique, a 1500 km a norte de Maputo, situa-se à entrada da baía do Mossuril, numa região de etnia Macua, e conta com cerca de 13700 habitantes.

Tem 3,5 km de comprimento por 350 a 500m de largura, e a temperatura média anual é de 26.º.

A população é maioritariamente muçulmana e organiza-se em oito confrarias, que têm representação em todo o país, em especial nas províncias do Norte.

Divide-se em duas partes distintas, a Cidade de Pedra e Cal, de feição europeia, e a Cidade de Macúti, de construção tradicional africana.

Coqueiros, figueiras da Índia, casuarinas, acácias rubras de Madagáscar e figueiras bravas, de raízes aéreas, estão um pouco por todo o lado.



A Ilha foi ocupada inicialmente pela população africana, e era já então um ponto de encontro com o Oriente.

Seguiu-se a fase do domínio das navegações no Oceano Índico, no século VIII, pelos marinheiros árabes, e a sua supremacia manteve-se até ao final do século XV.

Aquele oceano tornou-se o centro do comércio intercontinental, fazendo a ponte entre a Europa e o Oriente. Cruzavam-se persas e turcos, indianos, indonésios e chineses, mas eram os árabes que detinham o monopólio do transporte de mercadorias e que promoveram e acentuaram as relações entre povos e culturas diferentes.

A influência islâmica, para além da criação do sultanato de Delhi e da progressão no arquipélago indonésio, estendeu-se, na costa africana, do Mar Vermelho até ao rio Save, a cerca de 400 km a sul de Quelimane.



O mundo muçulmano e as rotas árabes no séc. XV



Foi ao longo desta costa, nas suas margens e sobretudo nas suas ilhas, que veio a surgir uma nova cultura, a cultura swahili, fruto do cruzamento da população africana com os comerciantes muçulmanos vindos de quatro zonas: do Golfo de Áden, do Mar da Arábia, do noroeste da Índia e, ainda, da Indonésia.

A insularidade era o seu traço característico.

Não existindo vias terrestres importantes na África oriental, as comunicações eram asseguradas pelas populações swahili, que garantiam a navegação nos rios e na costa.

Nesta surgiram feitorias e entrepostos comerciais, alguns fortificados, fossem sultanatos ou xecados, como Mogadíscio, Lamu, Melinde, Mombaça, Pemba, Zanzibar e, sobretudo, Quíloa, que controlava o comércio do ouro, marfim e escravos.

Mais a sul existiam os xecados da Ilha de Moçambique, de Angoche, de Quelimane e de Sofala.



Costa oriental de África

O xecado da Ilha de Moçambique foi fundado por Moussa M'Biki, (possível origem do termo “moçambique”) por volta do século XI. Até ao século XVI tinha uma população sedentária e uma flutuante, ambas, sobretudo, de mercadores e marinheiros árabes de Áden e do Oman, com escassa presença africana.

A nova fase das navegações no Índico começou em 1498, com a chegada do português Vasco da Gama, que estabeleceu a ligação directa da Europa à Índia.

Nesta primeira viagem fez aguada na Cabaceira Pequena, à vista da Ilha de Moçambique, onde também desembarcou.

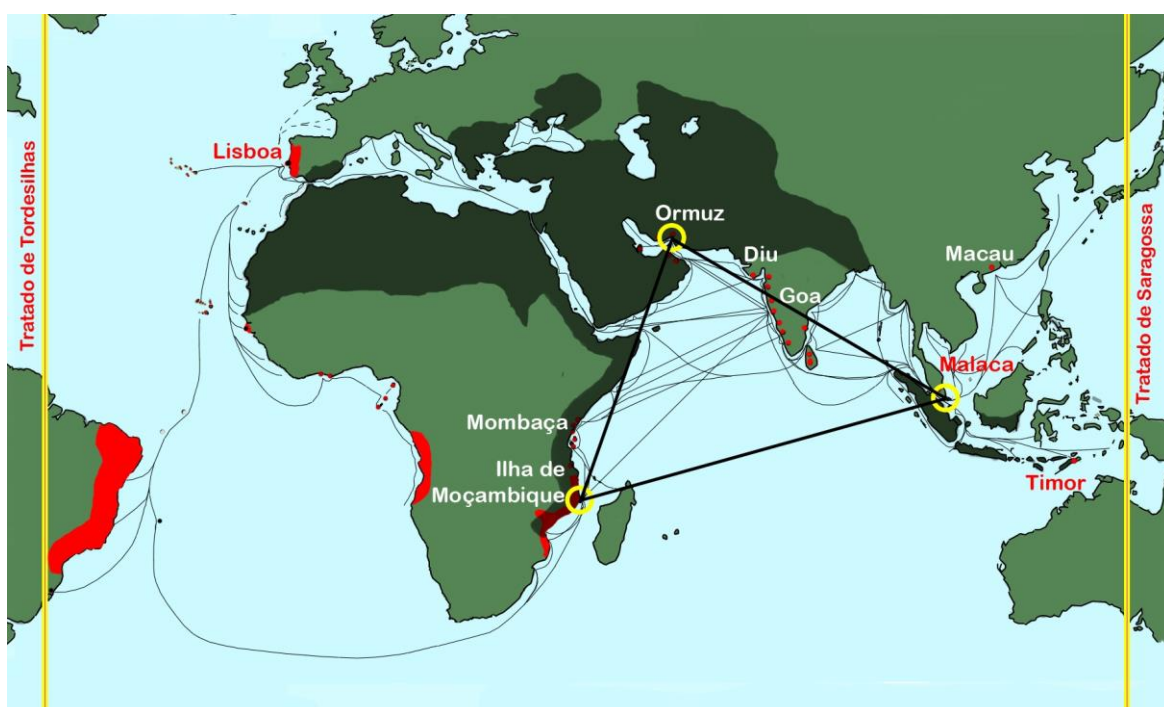


Os três mundos da época – Europa, Arábia/Índico e Ásia – cruzavam-se na Ilha, e pela primeira vez os mundos europeu e asiático (incluindo as populações da costa oriental africana) estavam em contacto directo.

Os portugueses tomaram a Ilha de Moçambique (1507), Ormuz (1515) e Malaca (1511), estabelecendo o estratégico *triângulo do Índico*.

Juntavam-se as praças-fortes de Mombaça (1505), de Diu (1533) e de Goa (1510).

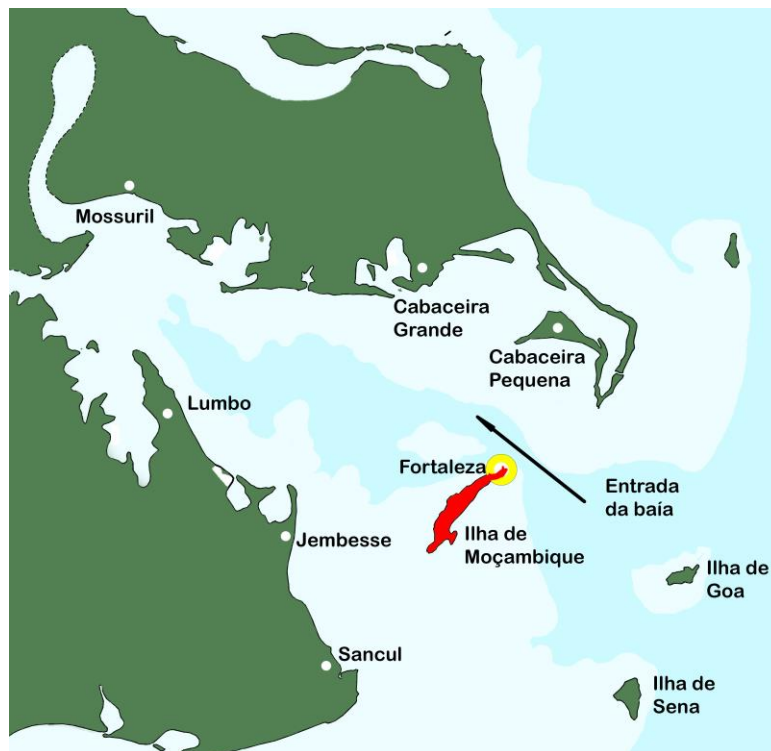
O século XVI e a primeira metade do século XVII foram o período do domínio marítimo de Portugal.



Territórios, cidades e rotas controlados pelos portugueses no séc. XVI e primeira metade do séc. XVII

A escolha da Ilha como principal base naval deveu-se à decisiva importância do seu porto. Se os navios saídos de Lisboa se atrasassem, perdiam o regime de ventos da monção de verão, o que os impedia de chegar à Índia e os obrigava a passar o inverno na baía do Mossuril (que a Ilha protegia) durante longos meses, até à aproximação do verão e à mudança da monção.

Todavia, a fixação portuguesa trouxe inevitáveis problemas com as populações no continente, e houve conflitos no Mossuril e nas Cabaceiras. O xecado veio por isso a transferir-se para Sancul, e mais tarde, em 1515, foi criado um novo em Quitangonha.



Baía de Mossuril

Moçambique era administrado por Goa, e a ilha era a sua capital.

Esta servia como escala para reabastecimento e reparação de navios, nomeadamente das naus da Carreira das Índias, e era a base da armada que protegia a extensa costa controlada por Portugal.

Por outro lado era também importante local de comércio (navios indianos aí trocavam têxteis e especiarias por ouro e marfim).

Além disso, centralizava o comércio de, e para, a Ilha do Ibo, Quelimane, Sofala, Inhambane, e ainda Lourenço Marques (Maputo). Portugal, entretanto, tinha afastado a presença árabe a sul da Ilha, à excepção do arquipélago de Angoche, e para norte controlava várias cidades, dominando a costa até Melinde e Lamu.

A Torre Velha, a primeira fortificação ainda medieval, localizou-se a meio da Ilha. A evolução da artilharia turca tornara entretanto obsoleto aquele meio de defesa, o que levou à decisão de construir a grande Fortaleza de S. Sebastião (1580). Localiza-se no extremo Nordeste, para defender o canal de acesso à baía do Mossuril.



Fortaleza de S. Sebastião



Casa de Camões

Em 1570 a povoação muçulmana foi ocupada pelos portugueses. Os seus habitantes organizaram-se então no sítio do celeiro.

A esta separação corresponderam também os diferentes templos, cuja existência, de resto permitida, evidencia a multiculturalidade característica da Ilha, que perdura até hoje. Vários moradores tinham já hortas e palmares na terra firme.

Camões, o maior poeta português, aqui viveu de 1567 a 1569.

O século XVII assistiu ao regresso à costa africana dos árabes de Oman.

Abaixo do Cabo Delgado o comércio com a Índia era português, mas a norte voltou, na segunda metade do século, a ser árabe, embora passando em boa parte pelos baneanes, mercadores indianos da península do Guzerate, que tinham forte presença na Ilha.

No continente, no princípio do século XVII, começa a expansão do império Marave, que chega até à Ilha. Nos finais do século foi enfraquecendo e abandonou o território dos Macuas e dos Lomwés.

Surgiram então os Yao (Ajuas) que criaram uma nova rota comercial entre o Lago Niassa (Malawi) e a Ilha.



O Norte de Moçambique nos séc.s XVI/XVIII

A importância crescente da Zambézia, à conta do ouro, veio a secundarizar a Ilha, mantendo-se todavia o seu porto indispensável para as escalas de longo curso.

Entretanto, além dos ataques árabes à Ilha, surgiram os ataques da Holanda, da França, e da Inglaterra.

Dos três ataques holandeses, o mais grave foi o segundo (1608): a povoação foi em parte destruída, desapareceram a ermida e fortaleza de S. Gabriel, a Igreja do Espírito Santo e o Convento de S. Domingos.

A Fortaleza de S. Sebastião, contudo, resistiu e não foi tomada.

A reconstrução da cidade manteve a estrutura anterior e os edifícios foram construídos de pedra coral e cal.

Contudo, a escassez de mão-de-obra qualificada complicava e atrasava o ritmo das construções, e foram os pedreiros baneanes a compensar a falta dos portugueses. Predominavam as coberturas em terraço, denotando influências de Diu e semelhanças com o Algarve, para aproveitar a água das chuvas, que era recolhida em cisternas.

As tentativas inglesas de invasão datam de meados do século, e os ataques omanitas verificaram-se em 1669 e 1704. Nunca a Fortaleza caiu.

Já Mombaça foi tomada pelo sultão de Omã, com a conquista do Forte de Jesus, construído pelos portugueses (1698).

Problemas em Diu levaram as autoridades portuguesas, em 1687, a autorizar a instalação, na Ilha, da Companhia dos Baneanes, criada um ano antes, que ficou com o monopólio do comércio com Diu.

A economia local ressentiu-se com este monopólio, sendo causa significativa da sua decadência.

Este mau período prolongou-se pela primeira metade do século XVIII.

Começava então um novo ciclo mercantil, o ciclo da escravatura.

Nasceu o comércio regular com as ilhas francesas do Índico (1721) e com o Brasil (1728).

Todavia, a situação difícil mantinha-se, e em 1752, o marquês de Pombal, primeiro ministro português, criou o governo de Moçambique, anulando a administração directa de Goa.

Passou a existir a Capitania Geral do Estado de Moçambique, dependente de Lisboa. Organizaram-se os serviços da nova administração e liberalizou-se o comércio, acabando os monopólios.

Novas leis de cidadania foram publicadas, abrindo os serviços a todos os cristãos, goeses ou mestiços, e a povoação de Moçambique recuperou a prosperidade e tornou-se vila em 1763.

A liberdade de comércio para os navios portugueses (1761) e o enorme incremento do tráfico de escravos, que ultrapassou o ouro e o marfim, em especial para o Brasil, criaram o triângulo Moçambique, Lisboa, S. Salvador da Baía.

Na segunda metade do século XVIII o tráfico da Ilha foi suplantado pelo de Sofala, Quelimane e Ibo, com destino às ilhas Mascarenhas, a Madagáscar, Zanzibar, Golfo Pérsico, Brasil e Cuba.

A captura dos escravos pelos chefes locais aumentou após a liberalização da venda de armas no interior (1787).

Os últimos anos do século viram uma cada vez mais íntima relação com o Brasil, cuja burguesia de armadores e mercadores se instalou na Ilha e na Índia.

Os finais do século XVIII corresponderam a um grande crescimento, com forte expansão urbana. A vila foi elevada à categoria de cidade em 1818.

Definiu-se uma política de alargamento das feitorias no continente, com incorporação de terras na Coroa, mas novo ciclo descendente se verificou com a independência do Brasil (1822).

O último barco de escravos com este destino saiu em 1831. Contudo, era já maior a actividade na terra firme, com as culturas do algodão e do café.

Nova e profunda alteração veio pouco depois, com o triunfo do liberalismo em Portugal e o fim da sangrenta guerra civil: a escravatura foi abolida em 1837, e começou de facto o tráfico a diminuir após três anos. Deu-se então, finalmente, a abertura da Ilha à população negra.

A cidade ganhou uma linha divisória ainda actual: a norte da Igreja de N.^a Sr.^a da Saúde, a Cidade de Pedra e Cal, e a sul a Cidade de Macúti, africana, com os respectivos bairros ocupando o fundo das pedreiras. Esta linha limitava também os usos: só a sul se permitiam currais, matadouros, fornos de cal, depósitos de lenha ou de carvão e a extração de pedra coral.



Cidade de Macúti



Uma rua da Cidade de Macúti com vala de drenagem das águas das chuvas



Habitação de pau-a-pique com cobertura de macúti



Estrutura de pau-a-pique

Na segunda metade do século XIX, a par das outras potências coloniais, Portugal avançou em profundidade no interior do continente africano, enfrentando revoltas das populações. A capital foi transferida para Lourenço Marques, em 1898. A ilha passou a capital da província de Nampula.

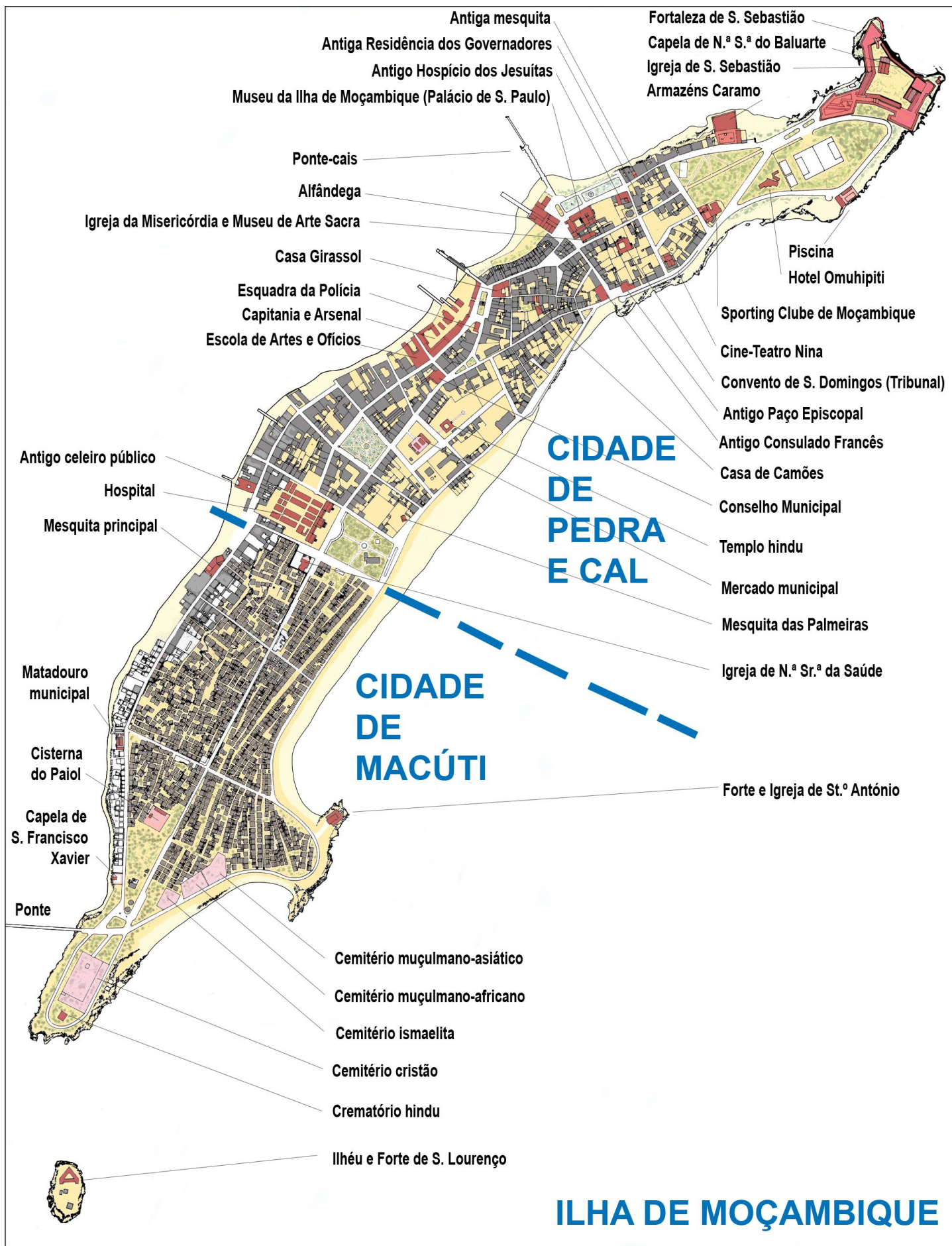
No século XX a baía do Mossuril deixou de servir como porto moderno, e a cidade de Nampula, 190 km para o interior, tornou-se a capital da província.

O caminho de ferro do lago Niassa até ao Lumbo, na baía do Mossuril (1913), ganhou um ramal para Nacala, cujo porto de águas profundas foi inaugurado em 1951 e logo ampliado em 1964.

Estes dois acontecimentos levaram à perda da importância da Ilha na região, mesmo e apesar da construção, em 1966, da ponte que a une à terra firme.

Depois do abandono de parte dos habitantes, que se seguiu à independência em 1975, a guerra civil veio dez anos mais tarde a originar, com o afluxo de refugiados, um significativo aumento populacional com uma fixação maciça na Cidade de Macúti.

A paz chegou finalmente a Moçambique em 1992, um ano depois da Ilha ser inscrita na lista do Património Mundial da UNESCO.





Planta da Ilha de 1802





Mesquita principal



Dança do tufo



Palácio e Museu de S. Paulo e estátua de Vasco da Gama



Igreja de N.ª Sr.ª da Saúde



Swahili? Séc. XVI ?



Séc. XVIII





Máscara para amaciar a pele



Capulanas



Pescadores



Antigo Sporting Clube de Moçambique



O Hospital, o maior edifício da cidade (1877)



Capela de N.ª Sr.ª do Baluarte (1522) com abóbada manuelina

Continente



Praia da Carrusca



Igreja de N.ª Sr.ª dos Remédios na Cabaceira Grande